

**PESQUISA DE EMPREGO E DESEMPREGO DA  
REGIÃO METROPOLITANA DE PORTO ALEGRE  
PED-RMPA  
INFORME MULHER E TRABALHO**

**RELAÇÃO FAMÍLIA E TRABALHO NA PERSPECTIVA DE GÊNERO:**

**A INSERÇÃO DE CHEFES E CÔNJUGES NO MERCADO DE TRABALHO**

*Diversas têm sido as abordagens sobre a crescente presença feminina no mercado de trabalho, ampliando nosso conhecimento sobre as características e tendências dessa inserção sob a perspectiva individual e de gênero. Assim, constatou-se que o aumento da participação das mulheres no mundo do trabalho nas últimas décadas, em especial a partir dos anos 90, veio acompanhado por desvantagens em relação aos homens: um maior desemprego e, quando ocupadas, uma inserção maior em atividades no setor Serviços, em ocupações reconhecidas como tipicamente femininas, em muitos casos sob modalidades de inserção mais frágeis e com menor proteção legal – emprego doméstico, assalariamento sem carteira de trabalho assinada, trabalho autônomo, entre outras –, além de rendimentos inferiores aos dos homens. Paralelamente, observa-se paulatina ampliação do contingente de mulheres ocupando cargos antes reconhecidos como masculinos, tais como os de gerenciamento e chefia.*

*Embora a expansão da presença feminina no mercado de trabalho tenha se intensificado nas últimas décadas, observa-se que esse crescimento não ocorreu de forma homogênea para o conjunto das mulheres. Da mesma forma, as desvantagens com que se caracteriza sua inserção não ocorreram na mesma intensidade, estabelecendo diferenças no interior da força de trabalho feminina. Múltiplos fatores - como idade, cor, escolaridade e renda familiar – concorrem para estabelecer essas desigualdades. Dentre esses fatores, o tipo de arranjo familiar no qual a mulher está inserida e a posição que ela ocupa na família afetam a sua decisão de entrada na força de trabalho e os resultados dessa inserção. Também a presença de filhos e a faixa etária desses têm peso importante nesse movimento.*

*É relevante observar que as mudanças recentes no mundo do trabalho afetaram a relação família-trabalho na articulação de seus membros para a atividade produtiva remunerada e na organização da subsistência do grupo familiar, no esforço coletivo da sobrevivência imediata e na superação e melhoria das condições de vida. É nesse contexto que se observa maior permanência dos jovens na escola e o declínio de sua participação no mercado de trabalho e o respectivo crescimento entre as mulheres chefes e cônjuges.*

*No esforço de melhor compreender essa inserção, esse boletim procura observar a relação das mulheres com o mercado de trabalho a partir das distintas conformações que a família pode assumir e a sua posição na mesma<sup>1</sup>, destacando as situações entre as mulheres chefes que moram sozinhas, aquelas que tenham filhos e não tenham cônjuge<sup>2</sup> com quem possam dividir as responsabilidades e as cônjuges em casais sem ou com filhos. Assim, o objetivo desse estudo é observar como o tipo de arranjo familiar influencia a inserção de mulheres cônjuges e chefiadas femininas no mercado de trabalho, a partir da base de dados da Pesquisa de Emprego e Desemprego, na Região Metropolitana de Porto Alegre.*

*O texto está estruturado em duas partes, além dessa introdução. Na primeira parte, são apresentados os principais indicadores de inserção das mulheres no mercado de trabalho com seus resultados para o ano de 2008. Na segunda, apresenta-se a análise da relação do trabalho feminino com a conformação dos núcleos familiares com base no biênio 2007-2008. Essa parte inicia pela caracterização do perfil das famílias da RMPA e, em seguida, analisa os principais indicadores – participação, desemprego, ocupação e rendimentos -, segundo a posição das mulheres na família, a condição de atividade do chefe masculino, e, principalmente, o número de filhos, especialmente, de filhos pequenos.*

---

<sup>1</sup> Na prática, as relações familiares que ocorrem com o advento da inserção feminina, em especial a da cônjuge, não assumiram formas conciliatórias e sim de conflito, na medida em que as incumbências familiares e domésticas permanecem, de forma geral, com a mulher. Ainda, com a expansão da presença feminina em profissões de nível superior e em cargos executivos, um novo modelo surge e se sobrepõe ou substitui o primeiro, que é o de delegação desses encargos a outras mulheres. Hirata, H., Kergoat, Daniele. “Novas Configurações da divisão sexual do trabalho”. Cadernos de Pesquisa, v.37, n.132, p. 595-609, set/dez. 2007.

<sup>2</sup> Note-se que, a partir da base de dados utilizada, não existe, necessariamente, consangüinidade entre as cônjuges ou chefes mulheres e os filhos residentes, uma vez que podem ser seus enteados, filhos adotivos ou de criação.

## I. A inserção feminina no mercado de trabalho da RMPA em 2008

O mercado de trabalho da Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA) apresentou um desempenho especialmente positivo no ano de 2008, com um crescimento expressivo da ocupação (7,0%) - o mais alto dentre o conjunto das Regiões pesquisadas pela PED em 2008 e também o maior crescimento da série da RMPA desde 1994. Esse crescimento repercutiu num importante recuo da taxa de desemprego total, que se reduziu pelo quinto ano consecutivo, situando-se em seu menor patamar desde 1995. No que diz respeito ao rendimento médio real dos ocupados, este registrou crescimento, dando continuidade à trajetória de recuperação iniciada em 2004.

Em 2008, a participação das mulheres cresceu no mercado de trabalho na Região Metropolitana de Porto Alegre, vindo a se constituir na mais alta taxa feminina de toda a série pesquisada. A taxa de participação feminina passou de 49,0%, em 2007, para 51,4%, em 2008, um crescimento da ordem de 4,9%. Entre os homens, observou-se um crescimento menor (1,7%) com a taxa passando de 65,8% para 66,9%.

A taxa de desemprego total feminina teve uma expressiva redução, ao passar de 16,0%, em 2007, para 13,9%, em 2008, atingindo o menor patamar dos últimos 13 anos. A masculina decresceu numa proporção ligeiramente superior e caiu para 8,8%, a menor de toda a série da Pesquisa.

A redução da taxa de desemprego tanto feminina quanto masculina refletiu o expressivo aumento do nível ocupacional na Região, uma vez que a força de trabalho de ambos apresentou expansão.

O crescimento do nível de ocupação entre as mulheres (9,1%) foi o maior da série pesquisada, ficando, em 2008, bem acima do crescimento observado no nível da ocupação masculina (5,3%). Devido a esse crescimento mais acentuado, a proporção de mulheres no total de ocupados da Região aumentou de 44,2%, em 2007, para 45,1%, em 2008. O contingente de mulheres ocupadas cresceu na maioria dos setores com exceção dos serviços domésticos. O crescimento ocupacional feminino foi mais expressivo no setor serviços (47 mil), seguido do comércio (14 mil) e da indústria (7 mil). Na ocupação masculina, o aumento foi generalizado, também com destaque para o crescimento no setor serviços (35 mil).

Para ambos os sexos, houve crescimento em todas as modalidades de inserção ocupacional, à exceção do emprego doméstico. Esse crescimento foi mais intenso no assalariamento regulamentado, principalmente no setor privado com carteira assinada. Entre as mulheres, houve um aumento de 43 mil assalariadas formalizadas (36 mil no setor privado com carteira de trabalho assinada e 7 mil no setor público), volume superior ao observado para os homens (25 mil, sendo 21 mil no setor privado com carteira assinada e 4 mil no setor público).

O rendimento médio real por hora das mulheres ocupadas apresentou crescimento em relação ao ano anterior (4,0%) e passou a corresponder a R\$ 5,71. Já para os homens o crescimento foi inferior (2,0%), atingindo um valor de R\$ 6,69. Com esses movimentos o diferencial de rendimentos por gênero arrefeceu: o valor dos rendimentos femininos atingiu 85,4% do atribuído aos homens – em 2007 essa proporção havia sido de 83,7%.

## II. Trabalho feminino e estrutura familiar

### Perfil das famílias da RMPA<sup>3</sup>

1. Os dados da PED confirmam as tendências já identificadas de declínio do número médio de pessoas na família, resultado da combinação de vários fatores, em especial da redução do número médio de filhos (1,1 no biênio 2007/08), decorrente da queda da fecundidade e, também, do aumento da proporção de famílias constituída por apenas um dos pais e seus filhos (chefe sem cônjuge com filhos), e das pessoas que moram sozinhas.

2. A família tradicional, denominada de nuclear (composta por um casal com ou sem filhos) é ainda predominante (55,5%), embora com tendência a diminuir<sup>4</sup>. Entre as famílias nucleares há maior proporção do tipo casal com filhos (38,9%), do que de casal sem filhos (16,6%) - Tabela 1.

3. Já as famílias monoparentais (de chefes sem cônjuge com filhos) vêm crescendo ao longo da série pesquisada, independente do sexo do chefe. No biênio analisado, esse tipo de família representava 13,5% do total das famílias da Região, sendo que as famílias com chefia feminina totalizaram 11,9% e as com chefia masculina, 1,6%.

<sup>3</sup> A PED considera família os moradores de um mesmo domicílio, definidos pelas relações – nucleares (casal), primárias (pai, filho, irmão, etc.) e/ou secundárias (tio, sobrinho, primos, etc.) – que estabelecem entre si relações que podem ser de parentesco, afinidade ou de dependência social e econômica com o chefe de domicílio (definição autotranslatória). É predominante a correspondência entre unidade familiar e domiciliar (cerca de 98,3% dos domicílios da RMPA, em 2007/2008, eram constituídos por uma só família).

<sup>4</sup> Ver especialmente MARQUES, E et alii. “Novos arranjos familiares: ampliação da inserção laboral feminina e seus impactos sobre a renda das famílias.” *Revista Mulher e Trabalho*, v.5 Porto Alegre, Convênio PED-RMPA, março de 2005.

4. Na RMPA, no biênio 2007/08, 17,6% das pessoas moravam sozinhas, sendo que destas, 10,5% eram mulheres e 7,1%, homens. Vale mencionar que, entre as regiões pesquisadas pela PED, a RMPA apresenta o maior percentual de famílias unipessoais, ou seja, pessoas que moram sozinhas. Esse fato pode estar associado a fatores de ordem cultural e socioeconômica e, em especial, à expansão da expectativa de vida, mais elevada na RMPA, com um número maior de idosos morando sozinhos, principalmente mulheres<sup>5</sup>.

**Tabela 1**  
**Distribuição das Famílias, Número de Pessoas na Família e Número Médio de Filhos,**  
**segundo Tipo de Arranjo Familiar e Sexo do Chefe da Família**  
**Região Metropolitana de Porto Alegre**  
**2007-2008**

Tipo de Arranjo Familiar	Distribuição (em %)		Número de Pessoas na Família	Número Médio de Filhos (2)
<b>Total</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>2,9</b>	<b>1,1</b>
Chefe Mulher	30,8	30,8	2,3	0,9
Chefe Homem	69,2	69,2	3,1	1,1
<b>Casal com Filhos (1)</b>	<b>38,9</b>	<b>100,0</b>	<b>3,8</b>	<b>1,8</b>
Chefe Mulher	1,2	3,2	3,8	1,8
Chefe Homem	37,7	96,8	3,8	1,8
<b>Casal sem Filhos (1)</b>	<b>16,6</b>	<b>100,0</b>	<b>2,0</b>	-
Chefe Mulher	0,8	4,8	2,0	-
Chefe Homem	15,8	95,2	2,0	-
<b>Chefe sem Cônjuge com Filhos (1)</b>	<b>13,5</b>	<b>100,0</b>	<b>2,6</b>	<b>1,6</b>
Chefe Mulher	11,9	88,2	2,6	1,6
Chefe Homem	1,6	11,8	2,5	1,5
<b>Pessoa que Mora Sozinha</b>	<b>17,6</b>	<b>100,0</b>	<b>1,0</b>	-
Chefe Mulher	10,5	59,4	1,0	-
Chefe Homem	7,1	40,6	1,0	-
<b>Demais</b>	<b>13,4</b>	<b>100,0</b>	<b>4,0</b>	<b>1,2</b>
Chefe Mulher	6,4	47,8	3,7	1,1
Chefe Homem	7,0	52,2	4,3	1,2

**Fonte:** Convênio Seade-Dieese e MTE/FAT.

(1) Exclusive as famílias com outro parente e / ou agregado.

(2) Inclusive as famílias sem filhos.

5. Quanto à definição de chefia, nas famílias nucleares com filhos, os homens ainda foram considerados chefes em 96,8% dos casos. Já naquelas sem filhos, essa proporção foi de 95,2%. Entre as famílias monoparentais, 88,2% possuíam chefia feminina.

<sup>5</sup> Sobre esse tema ver KRELING, N. "Trabalhadores mais maduros no mercado de trabalho da Região Metropolitana de Porto Alegre: formas de inserção na ocupação e desemprego" in: Dimensões da precarização do mercado de trabalho na Região Metropolitana de Porto Alegre. Porto Alegre, Convênio PED-RMPA, 2007.

## A participação das mulheres chefes e cônjuges no mercado de trabalho

6. A inserção laboral feminina tem se intensificado nas últimas décadas, resultado de múltiplos fatores, podendo-se, no entanto, destacar a necessidade econômica, seja esta derivada da deterioração dos rendimentos do trabalho ou criada pelos novos anseios de consumo. A necessidade de ampliar a renda familiar inviabilizou para a maioria da população a manutenção do modelo tradicional de família – com provedor único masculino -, impelindo as mulheres em direção ao mercado de trabalho. Contudo, a decisão de ingressar nesse mercado se expressa de forma diversa conforme o tipo de família em que a mulher está inserida, produzindo diferenças importantes nas taxas de participação da força de trabalho feminina.

7. Os resultados da Pesquisa mostram, no biênio 2007/2008, que nas famílias nucleares a presença de filhos influencia positivamente na inserção ocupacional das cônjuges, pois suas taxas de participação são mais elevadas nos casais com filhos (58,1%), do que nos casais sem filhos (50,8%), indicando a importância do rendimento feminino na ampliação da renda familiar para enfrentar os gastos necessários na manutenção dos filhos. Vale mencionar que o número de filhos pouco altera a participação dessas mulheres (Tabela 2).

**Tabela 2**  
**Taxa de Participação das Cônjuges e das Chefias femininas com Filhos, por Número de Filhos e Faixa Etária do Filho mais Novo, segundo Tipo de Família**  
**Região Metropolitana de Porto Alegre**  
**2007-2008**

Cônjuges e Chefes Mulheres (1)	Em porcentagem						
	Número de Filhos			Faixa Etária do Filho Mais Novo			
	Total	1 Filho	2 Filhos ou Mais	Total	Até 1 Ano	Mais de 1 até 5 Anos	Mais de 5 Anos
<b>Taxa de Participação</b>							
Cônjuge Mulher no Casal com Filhos	58,1	58,7	57,5	58,1	50,5	66,3	56,8
Chefe Mulher sem Cônjuge com Filhos	60,8	56,0	67,4	60,8	74,8	82,2	57,9

**Fonte:** PED-RMPA, Convênio FEE, FGTAS/SINE-RS, SEADE, DIEESE e MTE/FAT.

**Nota:** Excluídas as chefes e cônjuges mulheres em famílias com outro tipo de arranjo familiar.

(1) Excluídas as chefes e cônjuges mulheres em famílias com outro parente e / ou agregado.

(2) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria.

8. A idade dos filhos também parece impactar na inserção das cônjuges no mercado de trabalho: a taxa de participação mostra-se menor (50,5%) para aquelas com filho de até um ano

de idade, e atinge patamares mais altos na presença de filhos com idade superior a um ano até cinco anos (66,3%).

9. A taxa de participação mais elevada foi observada nas famílias monoparentais femininas (60,8%), expressando a necessidade de sustento familiar que na maioria das vezes é exclusivamente sua. Ademais, essa taxa atinge seu maior patamar entre as chefes com filhos com idade entre mais de um ano até cinco anos (82,2%).

10. Já as mulheres que moram sozinhas apresentaram a menor participação no mercado de trabalho: sua taxa de participação foi de 39,3% no biênio 2007/2008. Essa baixa participação pode estar associada à elevada proporção de viúvas pensionistas nesse segmento, decorrente da maior expectativa de vida das mulheres (Tabela 3).

**Tabela 3**  
**Taxas de Participação e de Desemprego das Cônjuges Mulheres sem Filhos**  
**e das Mulheres que Moram Sozinhas**  
**Região Metropolitana de Porto Alegre**  
**2007-2008**

Cônjuges e Mulheres que Moram Sozinhas	Em %
<b>Taxa de Participação</b>	
Cônjuge Mulher no Casal sem Filhos (1)	50,8
Mulher que Mora Sozinha	39,3

**Fonte:** Convênio Seade-Dieese e MTE/FAT.

**Nota:** Exclusive as cônjuges mulheres em famílias com outro tipo de arranjo familiar.

(1) Exclusive as cônjuges mulheres em famílias com outro parente e / ou agregado.

11. Nas famílias nucleares com filhos, as taxas de participação de cônjuges femininas estão associadas à condição de atividade do chefe masculino. Verificou-se que elas foram maiores para as mulheres das famílias cujos chefes estavam desempregados (66,9%), comparativamente à taxa das cônjuges de famílias com chefe ocupado (61,9%). Esses dados reforçam a idéia de que a família ainda funciona como uma instância decisória e que, trabalhar ou não, é uma resolução que leva em conta o bem estar do núcleo familiar (Tabela 4).

12. Já nas famílias nucleares sem filhos, a influência da condição de atividade do chefe é menor: a taxa de participação das cônjuges, ainda que mais elevada que a observada para as

cônjuges com filhos, não se altera significativamente quando os chefes estão ocupados (69,2%) ou desempregados (70,4%).

**Tabela 4**  
**Taxa de Participação das Cônjuges femininas, por Condição de Atividade do Chefe, segundo Tipo de Família na RMPA 2007-2008**

Cônjuges Mulheres (1)	Em porcentagem			
	Condição de Atividade do Chefe Homem			
	Total	Ocupado	Desempregado	Inativo
Cônjuge Mulher no Casal com Filhos	58,1	61,9	66,9	35,8
Cônjuge Mulher no Casal sem Filhos	50,8	69,2	70,4	17,1

**Fonte:** PED-RMPA convênio :FEE, FGTS/SINE, SEADE.DIEESE e MTE/FAT.

**Nota:** Exclusive as cônjuges mulheres em famílias com outro tipo de arranjo familiar.

(1) Exclusive as cônjuges mulheres em famílias com outro parente e / ou agregado.

### **Desemprego das mulheres cônjuges e chefes de família**

13. A taxa de desemprego das mulheres tem se mantido em patamares elevados, muito acima da taxa observada para a PEA masculina. Entretanto, esse indicador tem uma variação bastante importante no interior do contingente feminino, conforme a situação das mulheres nos diferentes tipos de famílias e a presença de filhos. Na RMPA, as maiores taxas foram observadas para o grupo das cônjuges com filho caçula de até um ano de idade e entre as chefes com filhos com idade entre um e cinco anos (Tabela 5).

14. De fato, as mulheres cônjuges com filhos apresentaram uma taxa de desemprego de 12,3% no biênio em análise, sendo que para aquelas cujo filho mais novo tinha até 01 ano esse indicador sobe para 21,4%, reduzindo-se para 17,9% no caso daquelas com filhos caçulas com mais de 01 ano até 5 anos. No caso das cônjuges sem filhos, a taxa observada foi inferior (11,2%), fato que poderia indicar que a presença de filhos parece ainda influenciar negativamente a contratação (Tabela 5).

**Tabela 5**  
**Taxa de Desemprego das Cônjuges e das Chefiãs femininas com Filhos, por Número de Filhos e Faixa Etária do Filho mais Novo, segundo Tipo de Família**  
**Região Metropolitana de Porto Alegre 2007-2008**

Cônjuges e Chefes Mulheres (1)	Em porcentagem						
	Número de Filhos			Faixa Etária do Filho Mais Novo			
	Total	1 Filho	2 Filhos ou Mais	Total	Até 1 Ano	Mais de 1 até 5 Anos	Mais de 5 Anos
<b>Taxa de Desemprego</b>							
Cônjuge Mulher no Casal com Filhos	12,3	12,1	12,5	12,3	21,4	17,9	9,1
Chefe Mulher sem Cônjuge com Filhos	11,7	10,1	13,5	11,7	- (2)	20,4	9,9

**Fonte:** PED-RMPA Convênio: FEE, FGTAS/SINE-RS, SEADE, DIEESE e MTE/FAT.

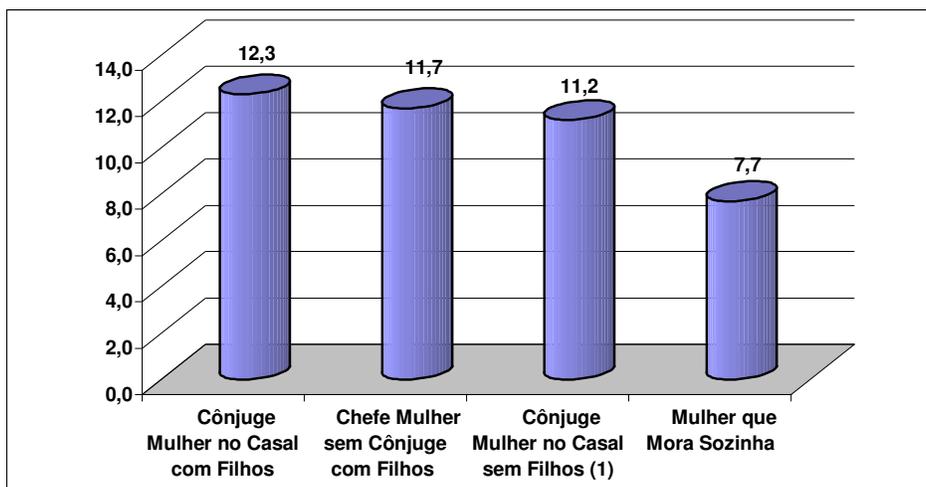
**Nota:** Excluídas as chefes e cônjuges mulheres em famílias com outro tipo de arranjo familiar.

(1) Excluídas as chefes e cônjuges mulheres em famílias com outro parente e / ou agregado.

(2) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria.

15. Nas famílias monoparentais femininas, a taxa de desemprego das chefes foi de 11,7%. Ressalte-se que a menor taxa de desemprego entre essas mulheres pode estar relacionada à impossibilidade de ficar sem rendimentos, constringendo-as, muitas vezes, a aceitar trabalhos que em outras circunstâncias não o fariam (Gráfico 1).

**Gráfico 1**  
**Taxa de Desemprego das Cônjuges e das Chefiãs femininas segundo Tipo de Família**  
**Região Metropolitana de Porto Alegre**  
**2007-2008**



**Fonte:** PED-RMPA Convênio: FEE, FGTAS/SINE-RS, SEADE, DIEESE e MTE.FAT.

16. Todavia, o desemprego das chefes com filhos de mais de um a cinco anos de idade chegou a 20,4%. O desemprego destas chefes suscita atenção dos gestores de políticas públicas, incluindo especialmente as relacionadas à educação infantil, pois sugere uma situação de maior

vulnerabilidade para todos os membros da família, dado que comumente é ela a única responsável pelo sustento familiar.

17. No caso das mulheres que moram sozinhas, observou-se a menor taxa de desemprego no biênio 2007/08 (7,7%).

### **Ocupação de mulheres cônjuges e chefes: modalidades de inserção**

18. O assalariamento constitui a modalidade de inserção ocupacional predominante entre as mulheres ocupadas. Todavia, a proporção de assalariadas difere, conforme a posição das mulheres na família e a presença de filhos.

19. No biênio em análise, a maior proporção de assalariadas foi encontrada entre as cônjuges sem filhos (67,7%, sendo 53,2% no setor privado da economia) e entre as mulheres que moram sozinhas (63,6% eram assalariadas). Já entre as cônjuges com filhos observou-se a menor proporção de assalariadas (58,1%), sendo expressivo o volume de empregadas domésticas (15,4%) e de trabalhadoras autônomas (15,3%). O trabalho autônomo pode ser uma opção para muitas mulheres pela possibilidade de adaptar jornada e local de trabalho às necessidades de cuidar dos filhos e dos afazeres domésticos<sup>6</sup> (Tabela 6).

20. A presença no setor público mostrou-se mais expressiva entre as mulheres que moram sozinhas (20,9%) e entre as chefes com filhos (16,6%). Ambas as categorias também apresentaram as maiores proporções de contratos não registrados em carteira (7,3%, em ambos os contingentes), possivelmente em decorrência da maior premência em obter renda que as faz aceitarem situações mais desfavoráveis.

21. No caso das famílias monoparentais femininas, o emprego doméstico tem um papel importante, aparecendo como a segunda modalidade mais absorvedora e onde estavam inseridas 21,3% dessas mulheres.

22. Já entre as mulheres que moravam sozinhas, o trabalho autônomo e o emprego doméstico se equiparam como a segunda forma de inserção preponderante, ocupando 13,9% das mulheres em ambos os casos.

<sup>6</sup> Ver especialmente GALEAZZI, I. "O trabalho por conta própria num contexto de precarização laboral" in: Dimensões da precarização do mercado de trabalho na Região Metropolitana de Porto Alegre. Porto Alegre, Convênio PED-RMPA, 2007.

**Tabela 6**  
**Distribuição das Famílias com Chefia Feminina ou Cônjuge Feminino Ocupadas,**  
**Por Posição na Ocupação da Chefe ou Cônjuge, segundo Tipo de Família**  
**Região Metropolitana de Porto Alegre**  
**2007-2008**

Cônjuges e Chefes Mulheres	Em porcentagem									
	Total	Assalariada					Autônoma	Empregadora	Empregada Doméstica	Demais
		Setor Privado			Setor Público					
Total	Total	Total	Com Carteira	Sem Carteira		Setor Público				
Cônjuge Mulher no Casal com Filhos (1)	100,0	58,1	43,7	38,3	5,4	14,4	15,3	4,5	15,4	6,7
Cônjuge Mulher no Casal sem Filhos (1)	100,0	67,7	53,2	46,2	7,0	14,5	11,9	3,5	10,2	6,6
Chefe Mulher sem Cônjuge com Filhos (1)	100,0	59,0	42,4	35,1	7,3	16,6	14,8	- (2)	21,3	2,7
Mulher que Mora Sozinha	100,0	63,6	42,7	35,4	7,3	20,9	13,9	- (2)	13,9	5,8

**Fonte:** PED-RMPA Convênio: FEE, FGTS/SINE-RS, SEADE, DIEESE e MTE/FAT.

**Nota 1:** A posição na ocupação não é a usualmente divulgada na PED - São Paulo. Uma parcela de autônomas e de empregadoras passaram a ser consideradas como donas de negócio familiar, que nesta tabela estão incluídas na categoria demais.

**Nota 2:** Excluídas as chefes e cônjuges mulheres em famílias com outro tipo de arranjo familiar.

(1) Excluídas as chefes e cônjuges mulheres em famílias com outro parente e / ou agregado.

(2) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria.

## Os rendimentos das mulheres cônjuges ou chefes

23. O rendimento médio feminino, além do forte componente cultural responsável por manter a desvantagem em relação ao rendimento masculino, expressa as mesmas desigualdades historicamente observadas na distribuição de renda brasileira. Os resultados da Pesquisa mostram que os tipos de arranjo familiar também promovem desigualdades de rendimento entre as mulheres ocupadas e apontam aquelas com chefia de família monoparental como as que se encontram na pior condição, com menores rendimentos/hora e com a menor renda familiar *per capita*.

24. Em termos de **rendimento médio individual por hora** do trabalho, as chefes com filhos e sem cônjuge receberam o menor rendimento (R\$ 5,72), comparativamente às demais categorias, apesar de registrarem a taxa de participação mais elevada e uma das menores taxas de desemprego (Tabela 7).

25. Considerando o número de filhos, percebe-se que o rendimento/hora é ainda menor entre as chefes com dois ou mais filhos (R\$5,30). É possível supor, por um lado, que a responsabilidade em manter a família as leva a aceitar ocupações mais vulneráveis, com menores rendimentos. Por outro lado, maior número de filhos ainda é uma realidade em segmentos da população de rendas mais baixas, com mais baixo nível educacional e menor acesso a meios contraceptivos.

26. Em situação oposta estão as mulheres que moram sozinhas: seu rendimento/hora médio é o mais elevado (R\$ 8,01) e apresentam a menor taxa de desemprego. É muito provável que o fato de morarem sozinhas por si só já identifique uma inserção diferenciada no mercado de trabalho – de maior qualificação, maior formalização e estabilidade – que interfere na trajetória de vida, fazendo com que projetos de vida familiar sejam postergados ou abandonados em função de uma carreira profissional.

27. Situadas em posição intermediária, as cônjuges de famílias nucleares com ou sem filhos receberam, respectivamente, R\$ 5,76 e R\$ 6,25 por hora trabalhada no biênio investigado.

**Tabela 7**  
**Rendimento Real Médio Individual por hora (1), Renda Familiar Total e per capita (2), segundo Tipo de Família**  
**Região Metropolitana de Porto Alegre**  
**2007-2008**

Cônjuges e Chefes Mulheres	Rendimento Médio Real do Trabalho Principal das Ocupadas (2)	Rendimento Médio Real por Hora do Trabalho Principal das Ocupadas (2) (3)	Rendimento Médio Real Familiar Total (4)	Rendimento Médio Real Familiar per Capita (4)
Cônjuge Mulher no Casal com Filhos (1)	986	5,76	2208	623
Cônjuge Mulher no Casal sem Filhos (1)	1.097	6,25	2.109	1.055
Chefe Mulher sem Cônjuge com Filhos (1)	979	5,72	1326	557
Mulher que Mora Sozinha	1.406	8,01	1.180	1.180

**Fonte:** PED-RMPA Convênio: FEE, FGTS/SINE-RS, SEADE, DIEESE e MTE/FAT.

**Nota:** A família é composta pelos indivíduos cuja posição na família seja chefe, cônjuge, filho, outro parente ou agregado. Excluídas as chefes e cônjuges mulheres em famílias com outro tipo de arranjo familiar.

(1) Excluídas as chefes e cônjuges mulheres em famílias com outro parente e / ou agregado.

(2) Excluídos os assalariados e os empregados domésticos assalariados que não tiveram remuneração no mês, os trabalhadores familiares sem remuneração salarial e os trabalhadores que ganharam exclusivamente em espécie ou benefício. Inflator utilizado: IPC do Ipepe. Valores em Reais de Novembro de 2008.

(3) Excluídos os ocupados que não trabalharam na semana.

(4) O rendimento familiar total consiste na soma de rendimentos de aposentadorias ou pensões, do trabalho principal e adicional (só de ocupados), de trabalhos ocasionais precários (só de inativos com trabalho ocasional e de desempregados com trabalho precário) e do seguro desemprego (só de desempregados e de inativos) recebidos pelos indivíduos maiores de 10 anos cuja posição na família seja chefe, cônjuge, filho, outro parente ou agregado. Inflator utilizado: IPC do Ipepe. Valores em Reais de Novembro de 2008.

O tamanho da família é o total de indivíduos cuja posição na família seja chefe, cônjuge, filho, outro parente ou agregado.

O Rendimento Familiar Per Capita corresponde ao rendimento familiar total dividido pelo tamanho da família.

28. Sob a ótica de **renda familiar**, as famílias monoparentais femininas estão em pior posição, apresentando a menor renda familiar (R\$ 1.326) e o menor valor de rendimento *per capita* (R\$ 557).

29. Nas famílias nucleares com filhos, a renda familiar *per capita* registrada foi de R\$ 623, enquanto as mulheres que moram sozinhas e a família nuclear sem filhos encontravam-se em

situação mais favorável, com rendimentos familiares *per capita* da ordem de R\$ 1 180 e R\$ 1 055, respectivamente.

30. Pela análise da **contribuição das mulheres na renda familiar total**, percebe-se que a sua participação na composição dessa renda era maior nas famílias monoparentais onde o rendimento das mulheres responde por 67,2% da renda total. O restante da renda é fruto quase exclusivo do rendimento dos filhos (32,6%) –Tabela 8.

31. Nas famílias nucleares, a contribuição das mulheres é menor, sendo mais significativa naquelas sem filhos (32,6%) do que nas famílias nucleares com filhos (25,9%).

**Tabela 8**  
**Distribuição da Massa de Rendimento Real Familiar Total (1) das Famílias com Cônjuges e Chefes Mulheres,**  
**por Posição na Família, segundo Tipo de Arranjo Familiar**  
**Região Metropolitana de Porto Alegre**  
**2007-2008**

Cônjuges e Chefes Mulheres	Em porcentagem			
	Total	Posição na Família		
		Chefe	Cônjuge	Filho
Cônjuge Mulher no Casal com Filhos (2)	100,0	62,7	25,9	11,4
Cônjuge Mulher no Casal sem Filhos (2)	100,0	67,4	32,6	-
Chefe Mulher sem Cônjuge com Filhos (2)	100,0	67,2	-	32,8
Mulher que Mora Sozinha	100,0	100,0	-	-

**Fonte:** Convênio Seade-Dieese e MTE/FAT.

**Nota:** Exclusive as chefes e cônjuges mulheres em famílias com outro tipo de arranjo familiar.

(1) O rendimento familiar total consiste na soma de rendimentos de aposentadorias ou pensões, do trabalho principal e adicional (só de ocupados), de trabalhos ocasionais precários (só de inativos com trabalho ocasional e de desempregados com trabalho precário) e do seguro desemprego (só de desempregados e de inativos) recebidos pelos indivíduos maiores de 10 anos cuja posição na família seja chefe, cônjuge, filho, outro parente ou agregado. Inflator utilizado: IPC do Iepe. Valores em Reais de Novembro de 2008.

(2) Exclusive as chefes e cônjuges mulheres em famílias com outro parente e / ou agregado.

32. Segundo os **grupos de rendimento médio familiar per capita**, as famílias monoparentais femininas apresentam uma forte concentração no estrato que corresponde aos 25% mais pobres (40,3%, a maior concentração nessa faixa de renda entre as diferentes categorias em análise) e apenas 17,8% delas pertencem aos 25% mais ricos – a menor parcela entre as diferentes categorias. Também apresentam importante concentração nos extratos inferiores de renda *per capita* as famílias nucleares com filhos: 29,3% delas encontram-se entre os 25% mais pobres (Tabela 9).

33. Com maior concentração nos estratos superiores de rendimento familiar *per capita* (10% mais ricos), estão as mulheres que moram sozinhas (19,2%) e as famílias nucleares sem filhos (15,9%).

**Tabela 9**  
**Distribuição das Famílias, por Grupos de Rendimento Médio Familiar *per capita*,**  
**segundo Tipo de Família**  
**Região Metropolitana de Porto Alegre**  
**2007-2008**

Tipo de Arranjo Familiar	Total	Em porcentagem				
		Grupos de Rendimento Médio Real Familiar per Capita (1)				
		10% mais pobres	25% mais pobres	50% mais pobres	25% mais ricos	10% mais ricos
<b>Total (2)</b>	<b>100,0</b>	10,0	25,0	50,0	25,0	10,0
Cônjuge Mulher no Casal com Filhos (3)	100,0	9,5	29,3	57,0	18,9	6,4
Cônjuge Mulher no Casal sem Filhos (3)	100,0	4,1	12,1	32,3	36,5	15,9
Chefe Mulher sem Cônjuge com Filhos (3)	100,0	18,4	40,3	61,6	17,8	5,1
Mulher que Mora Sozinha	100,0	11,0	12,1	39,0	37,1	19,2

**Fonte:** PED-RMPA Convênio: FEE, FGTAS/SINE-RS, SEADE, DIEESE e MTE/FAT.

(1) Os percentis referem-se ao rendimento apenas das famílias dos 4 tipos de arranjo familiar considerados.

(2) Excluídas as famílias com outro tipo de arranjo familiar.

(3) Excluídas as chefes e cônjuges mulheres em famílias com outro parente e / ou agregado.

Convênio Regional

Secretaria do Planejamento e Gestão do Estado do Rio Grande do Sul  
 Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser – FEE

Secretaria da Justiça e do Desenvolvimento Social do Estado do Rio Grande do Sul  
 Fundação Gaúcha do Trabalho e Ação Social – FGTAS/SINE-RS

Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos – DIEESE

Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados – SEADE

Prefeitura Municipal de Porto Alegre – PMPA

Apoio

Ministério do Trabalho e Emprego - MTE/ Fundo do Amparo ao Trabalhador – FAT